

MEMÓRIA FÓSSIL

A Fotografia como agente fossilizador da História

FOSSIL MEMORY

Photography as a fossilizing agent of History

RICARDO GERALDES

Universidade Lusófona, CICANT, Portugal
ricardomgeraldes@gmail.com

Resumo

Da luz natural, enquanto agente revelador de forma e substância de expressão natural (Deleuze e Guattari 2007), à luz tecnicamente mediada, que desde a Modernidade fez da fotografia o seu sintoma, parece preexistir uma fotografia latente cravada nas matérias da Terra, visível na expressividade natural com que se foram imprimindo fósseis que antecedem a fotografia em milhões de anos — as evidências materiais que indicam a existência de acontecimentos ou entidades anteriores à consciência humana, os arché-fósseis (Meillassoux 2009). Considere-se como axioma: os fósseis são as primeiras memórias fotográficas da Terra.

O dispositivo fotográfico, tanto na captura como no registo mnemotécnico, participa nessa co-afinidade com a natureza: é o que podemos ler em Walter Benjamin quando diz que a fotografia, enquanto objeto, foi arrancado “*da história ao continuum da evolução histórica [...] representada no seu interior a sua própria pré- e pós-história [...]*” (Benjamin 2019, [N 10,3]). Também neste ensaio visual procuramos suspender a linearidade histórica, ao confrontar fósseis e objectos de produção industrial (que pela erosão e agregação de substâncias, são já protofósseis humanos do por vir), todos eles encontrados na zona costeira Oeste de Portugal. Analogamente mediados pela visualidade da imagem fotográfica, com esta pequena coleção instancia-se uma inquirição ontológica sobre um mesmo destino, quer dos fósseis, como dos vestígios humanos, enquanto memória-fossilizada.

Tanto os fósseis da História Natural como os objetos tornados fósseis, quando enquadrados pela máquina fotográfica, tornam-se, seguindo a leitura de Vilém Flusser, “[...] o sentido da Pós-História [...]”. *A história da História Natural é o próprio filme.*” (Flusser 2002, 145). Quando retirados do seu contexto estratigráfico e reenquadrados na história enquanto imagens técnicas, consubstancia-se especulativamente um exercício tafonómico — a análise dos processos de preservação de vestígios (do soterramento ao seu devir fotográfico) articulando as imagens fotográficas a legendas geo-lógicas sobre a memória-fóssil, que encontra na fotografia o agente fossilizador da pré- à pós-História.

fotografia | pré-história | fósseis | memória | pós-história

Palavras-chave

Abstract

From natural light, as an agent that reveals the form and substance of natural expression (Deleuze and Guattari 2007), to technically mediated light, which since Modernity has made photography its symptom, there seems to be a latent photography embedded in the Earth's materials, visible in the natural expressiveness with which fossils that predate photography by millions of years have been imprinted — the material evidence that indicates the existence of events or entities prior to human consciousness, the archéofossils (Meillassoux 2009). Take it as an axiom: fossils are the first photographic memories of the Earth.

The photographic device, both in its capture and in its mnemotechnical recording, participates in this co-affinity with nature: this is what we can read in Walter Benjamin when he says that photography, as an object, has been torn “*from history into the continuum of historical evolution [...] represented within it its own pre- and post-history [...]*” (Benjamin 2019, [N 10,3]). In this visual essay, we also seek to suspend historical linearity by confronting fossils and objects of industrial production (which, due to the erosion and aggregation of substances, are already proto-human fossils of things to come), all found in the western coastal area of Portugal. Similarly mediated by the visuality of the photographic image, this small collection instigates an ontological inquiry into the fate of both fossils and human traces as fossilized memory.

Both the fossils of Natural History and the objects that become fossils, when framed by the camera, become, according to Vilém Flusser, “*[...] the meaning of Post-History [...] The history of Natural History is the film itself.*” (Flusser 2002, 145). When removed from their stratigraphic context and reframed in history as technical images, a taphonomic exercise is speculatively embodied — the analysis of the processes of preserving traces (from burial to their photographic becoming) by linking photographic images to geo-logical legends about fossil memory, which finds in photography the fossilizing agent from pre- to post-History.

Keywords

photography | pre-history | fossils | memory | post-history

MEMÓRIA FÓSSIL

A Fotografia como agente fossilizador da História



O processo de fossilização pode ser visto como uma exceção à regra entrópica. O que escapa à decomposição natural das coisas, tornando-se fóssil, adquire uma carga de expressividade que não é de origem humana. Tal expressividade não humana pode ser definida pelo termo grego *acheiropoiêtos*, que significa “feito sem mão humana”.



"Chamar-se-á *expressão* às estruturas funcionais (...) (*forma e substância de expressão*). (...) não são somente as plantas e os animais, as orquídeas e as vespas que cantam ou se exprimem, são as rochas e mesmo os rios, todas as coisas estratificadas da terra" (Deleuze e Guattari 2007, 70).



“A procura das nossas origens misteriosas, uma procura com motivações complexas, deve certamente ter começado muito cedo, pois sabemos que, no final da sua longa história, o homem de Neandertal tardio já tinha começado a recolher fósseis e pedras de formas estranhas” (Leroi-Gourhan 1993, 3).

Considera-se fóssil qualquer indício de vida vegetal ou animal com mais de 10.000 anos. Segundo o convencional, é fóssil qualquer registo de vida anterior à invenção da escrita. Mas, se partirmos do sentido etimológico, por fóssil entende-se aquilo que é retirado do solo, aquilo que foi escavado e removido da terra (do latim clássico *fossilis*) – apenas a partir do século XVIII é que a palavra fóssil começou a ser usada para designar vestígios geológicos de plantas ou animais. Atualmente, o termo conceptualiza também as tecnologias de preservação de informação, chamadas fósseis sintéticos.

“O que Derrida quer enfatizar, [...] é que a fotografia [...] pode ser vista como uma rede operacional e uma metalinguagem através da qual questões filosóficas, históricas, estéticas e políticas mais amplas podem ser colocadas em foco” (Richter 2010, XXIII).



Osso de dinossauro – espécie desconhecida

Madeira incarbonizada é uma das definições técnicas para classificar restos de árvores petrificadas. Contrário ao processo de carbonização, que resulta da reação química, geralmente exotérmica, entre a madeira e o oxigénio, a incarbonização é um processo lento que decorre da permineralização e substituição - dois processos de fossilização. Esta transformação ocorre quando a madeira fica submersa, especialmente em rios ou lagoas, sendo posteriormente coberta com detritos. Debaixo de água, os minerais, fluindo por entre a madeira, executam o processo de substituição mineral.

“Considerarei chamar '*arché-fóssil*' ou '*matéria-fóssil*' não apenas as matérias que indicam vestígios de uma vida passada, de acordo com o sentido familiar do termo '*fóssil*', mas as matérias que indicam a existência de uma realidade ou acontecimento ancestral; que é anterior à vida terrestre” (Meillassoux 2008, 16).



“Uma das primeiras fotografias de Louis Daguerre apresentava três filas ordenadas de conchas fossilizadas, exemplos da natureza a reproduzir-se exatamente na e como pedra (...)” (Batchen 2000, 114).



Bivalve fossilizado

“A arqueologia pode assim – e eis um de seus temas principais – constituir a árvore de derivação de um discurso, por exemplo, o da história natural” (Foucault 2008, 166).



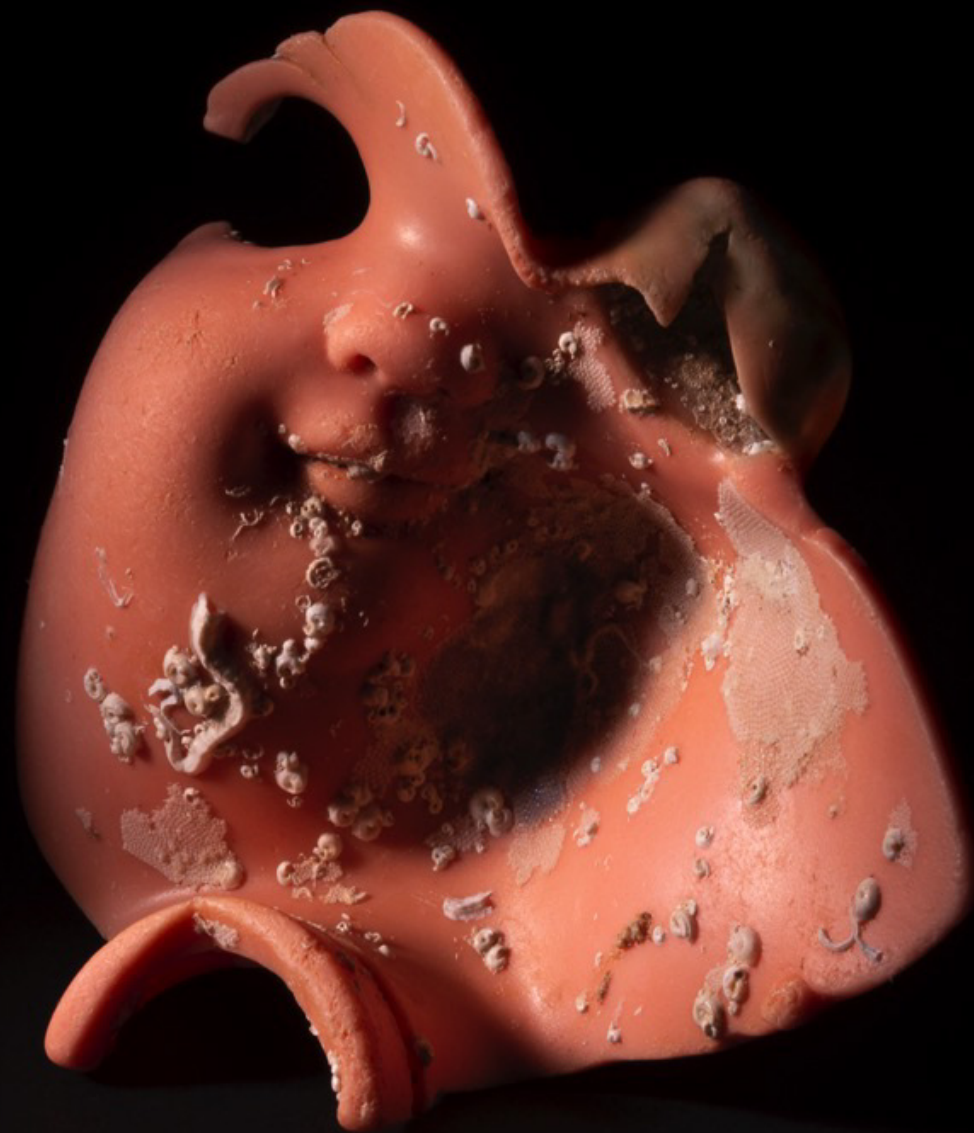
Dispositivo rizoférico – corais e conchas enredados em nylon

“Coleccionar é um fenómeno primitivo do estudo: o estudante é aquele que colecciona conhecimentos”
(Benjamin 2019, [H 4,3]).



Fémur – espécie desconhecida

“A palavra alemã *unheimlich* [infamiliar] é, claramente, o oposto de *heimlich* [familiar], doméstico, íntimo, e nos aproximamos da conclusão de que algo seria assustador porque não seria conhecido e familiar. Mas, naturalmente, nem tudo o que é novo e que não é familiar é assustador; a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que o que é inovador torna-se facilmente assustador e infamiliar; nem tudo o que é novidade é assustador. Ao novo e ao não familiar se deve, de início, acrescentar algo para torná-lo infamiliar” (Freud 1919).



Resto de rosto de boneca

“O colecionador, para quem as coisas se enriquecem pelo que conhece das suas origens e da sua duração na história, estabelece com elas uma relação semelhante, que agora parece arcaica” (Benjamin 2019, [H 4,4]).



Cassete sem fita magnética

Na área da Paleontologia, a classificação de subfóssil abrange qualquer registo vegetal ou animal com menos de 10.000 anos. O período Holoceno é uma das linhas cronológicas que estabelece esta categoria. Considerando como fóssil algo retirado de um contexto geológico, submerso ou soterrado, podemos encarar os fósseis numa variedade de objectos, ou traços de todo o género. Os fósseis são como máquinas do tempo: são disparadores de discursos e contam histórias sem escrita. São ignições da História.



“(...) as Passagens das grandes cidades de hoje são como cavernas com os fósseis de um animal extinto: (...) Pelas paredes dessas cavernas espalha-se a mercadoria, qual flora imemorial que, como os tecidos ulcerados, entra nas mais desregradas ligações. Abre-se aqui um mundo de secretas afinidades (...)”
(Benjamin 2019, [R 2,3]).

“Os fósseis mais antigos encontrados até agora na Terra, de mais de três mil e quinhentos milhões de anos, os paleontólogos interpretam-nos como restos de bactérias originárias; (...). A sua existência demonstra que o mistério da vida não pode separar-se do mistério da forma, mais exatamente de conformação de espaço interior debaixo de leis esféricas” (Sloterdijk 2006, 47).



Financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito de uma bolsa de investigação com a referência 2023.04360.BD, com o identificador DOI <https://doi.org/10.54499/2023.04360.BD>, no doutoramento em Arte dos Media e Comunicação na Universidade Lusófona.

Referências

- Batchen, Geoffrey. 2000. *Each Wild Idea: Writing, Photography, History*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Benjamin, Walter. 2019. *As Passagens de Paris*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Deleuze, Gilles, e Félix Guattari. 2007. *Mil Planaltos: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Flusser, Vilém. 2002. *Writings*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Foucault, Michel. 2008. *A Arqueologia do Saber*. Forense Universitária.
- Freud, Sigmund. 1919. “O infamiliar [das Unheimliche]”. In *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Leroi-Gourhan, André. 1993. *Gesture and Speech*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Meillassoux, Quentin. 2009. *After Finitude: An Essay on the Necessity of Contingency*. London: Continuum.
- Richter, Gerhard. 2010. “Between Translation and Invention: The Photograph in Deconstruction”. In *Copy, Archive, Signature: A Conversation on Photography*, edited by Jacques Derrida and translated by Jeff Fort. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Sloterdijk, Peter. 2006. *Esferas III: Espumas*. Madrid: Siruela.

Nota biográfica

Fotógrafo e artista visual, Ricardo Gerales é doutorando em Media e Comunicação na LUSOFONA-ECATI, bolseiro FCT, e investigador colaborador no CICANT. Licenciado e Mestre em Ciências da Comunicação (NOVA-FCSH), e pós-graduado em Gestão da Informação e Curadoria (NOVA-FCSH). É também formado em Fotografia pelo Ar.Co, e pela Escola Superior de Fotografia e Artes Visuais Maumaus.

ORCID

[0000-0002-2273-9178](https://orcid.org/0000-0002-2273-9178)

CIÊNCIA ID

[0F-10-FC6F-EF75](https://ciencia.id.ocp.pt/0F-10-FC6F-EF75)

Institutional address

CICANT — Universidade Lusófona
Centro de Produção, Campo Grande 388
1749-024 Lisboa

Declaração de conflito de interesses

O autor declara não haver potenciais conflitos de interesse em relação à investigação, autoria e/ou publicação deste artigo. As fotografias utilizadas neste ensaio visual são da autoria de Ricardo Gerales, não envolvendo direito de terceiros.

Para citar este ensaio

Gerales, Ricardo. 2025. “MEMÓRIA FÓSSIL. A Fotografia como agente fossilizador da História.” *Revista de Comunicação e Linguagens* (62): 140-167. <https://doi.org/10.34619/phyv-isvy>

Recebido Received: 2024-07-15**Aceito** Accepted: 2024-11-21

© Ricardo Gerales. Este é um ensaio de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons Attribution 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>), que permite distribuir, remisturar, adaptar e desenvolver o material em qualquer meio ou formato, apenas para fins não comerciais e desde que seja atribuída a autoria.